

EDUCAÇÃO FÍSICA E INVESTIGAÇÃO: O ELOGIO AO CUIDADO – UMA CARTA ABERTA

Antonio Camilo Cunha

Universidade do Minho, Braga, Portugal

Ricardo Rezer

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, Santa Catarina, Brasil

Resumo

O tema desta reflexão tratará sobre “Educação Física e investigação”, objetivando promover um elogio ao Cuidado, na forma de Uma carta aberta à Educação Física. Organizamos a nossa Carta em três momentos. Inicialmente, tentaremos esclarecer melhor nossa compreensão sobre os termos: Educação, Educação Física e Investigação. Após, abordaremos duas dimensões que estruturam a vida humana - a palavra e o número - e que parecem estar em crise. Finalmente, no terceiro momento falaremos do cuidado. O cuidar de si, o cuidar de algo, o cuidar de alguém. Entendemos que a crise da palavra e do número tem implicações no entendimento da Educação, da Educação Física, da Investigação e do Cuidado.

Palavras-chave: Educação Física, Investigação, Cuidado, Carta.

- - -

O tema desta reflexão partilhada tratará sobre “Educação Física e investigação”, objetivando promover um elogio ao Cuidado, na forma de Uma carta aberta à Educação Física (EF). Trata-se de uma reflexão dirigida a todos aqueles que fazem parte, de forma direta ou tangencial, do campo da EF - alunos de graduação e pós-graduação, bem como, aos professores e investigadores engajados neste campo.

É também, uma reflexão inspirada nos modelos de Edgar Morin (Os sete saberes necessários à educação do futuro), António Nóvoa (Carta a um jovem investigador em educação), e Jules Ferry (Carta aos professores), entre outros.

Atualmente, parece já “não existirem” mais, “cartas”, e por isso, este texto representa uma oportunidade de um retorno à carta. Uma carta é uma mensagem mais íntima, onde temos a possibilidade de dizer as coisas de outra forma, diferente, em parte, da forma acadêmica. E o que queremos tentar falar de outra forma é sobre o “cuidado” – o “cuidado” na EF, na profissão e na Investigação - O cuidado como conduta!

Organizamos a nossa Carta em três momentos. Inicialmente, tentaremos esclarecer melhor nossa compreensão sobre Educação, Educação Física e Investigação. Após, abordaremos duas dimensões que estruturam a vida humana - a palavra e o número - e que parecem estar em crise. A crise da palavra e do número tem implicações no entendimento da Educação, da EF, da Investigação e do Cuidado. Finalmente, no terceiro momento falaremos do cuidado: o cuidar de si, o cuidar de algo, o cuidar de alguém, inspirados na ética do cuidado de Martin Heidegger (1988).

1) PRIMEIRO MOMENTO: Educação, Educação Física e Investigação...

Neste momento, pretendemos apresentar nossa compreensão acerca das expressões Educação, Educação Física e Investigação, conforme a seguir.

1.1 - Educação. O que é a educação? O que é educar? Por que educar?

Esta é uma questão que tem muitas respostas - na literatura e nas nossas representações. David Hume (2006), na obra *Investigação Acerca do Entendimento Humano*, pode ajudar-nos a responder esta questão. A obra trata do gato e do pombo. O gato, quando nasce, já vem preparado para ser gato - comer, reproduzir, miar - são as coisas prontas para ser gato. O homem não, o homem vem preparado com determinadas características, mas também vem preparado para fazer e ser mais. Ele poderá fazer o novo! Poderá criar, construir, perceber, decidir, projetar, modificar - fazer da vida, uma vida com sentido. É isto o que o distingue dos animais.

Educar, nesta perspectiva, significa então, a capacidade de tomar consciência que se pode fazer e ser mais. Neste caso, a educação tem uma intenção racional, uma intenção cultural, axiológica e espiritual, mas também uma intenção individual, pela capacidade de fazer para si e para os outros (CAMILO CUNHA, 2008; CAMILO CUNHA, PETRICA, 2009).

Aliás, só há educação em sentido amplo, quando o indivíduo, a cultura, os valores e o espírito estão presentes – caso contrário, podemos ficar ancorados numa educação instrumental. Como afirma o Padre Manuel Antunes: ou a educação é total, ou nada é. E é neste contexto que Nietzsche (2010, p. 18), na obra *Escritos sobre Educação*, vai referir que o objetivo último da educação é formar o homem longe das amarras dos instintos e da inclinação para o mal.

Assim sendo, importante considerar que o compromisso com uma educação de escopo alargada, uma educação ampliada, é compromisso e princípio para o campo da EF. Investir nessa possibilidade representa significativa contribuição no processo de humanização, retomando a condição de importância da escola na contemporaneidade.

1.2 - A Educação Física. O que é a Educação Física? Esta é uma pergunta tão simples e ao mesmo tempo tão complexa na possibilidade de interpretações.

Há muitas tentativas de resposta a esta pergunta - por forma a legitimá-la, sobretudo, científica, acadêmica, educativa e socialmente. *Todos* conhecem a EF, mas quando se pergunta para a caracterizar quanto ao conhecimento de que trata, à suas finalidades, valores e dimensões, aparecem dificuldades ou, então, definições diversas, por vezes frágeis e incompletas. Lembrando Agostinho de Hipona, na obra “Confissões”, Livro XI (2001, p. 111), ele pergunta sobre “O que é o tempo?”.

Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo, evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também compreendemos, quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se

ninguém me pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei.

Tal condição, de forma análoga a discussão proposta neste tópico, nos coloca na condição de protagonistas na construção de possibilidades de compreensão que adquiram validade junto aos protagonistas da própria EF. Sem dúvida, uma discussão no campo epistêmico, mas também, no campo da ética e da política. No entanto, existe uma resposta macro que parece ser consensual: a EF é um valor em si, pois se refere ao ser humano timbrado no corpo e no movimento (humano). Analisemos a seguir, esta trilogia - homem, corpo, movimento.

Ao referirmo-nos ao ser humano, nos referimos (à boa maneira Grega/Helénica) ao ser humano *todo*, ao *homem-todo* - o homem todo é o sensível, inteligível, imanente e transcendente. O homem todo, que vive num contexto da complexidade e da diversidade, que tem a dimensão biológica, cultural, histórica, axiológica e espiritual como polos estruturantes.

Assim, queremos dizer que a EF se ocupa do corpo. Um corpo que antes de mais, se exprime pelo dizer filosófico do TER corpo e do SER corpo. Já, ao referir-se ao movimento, quer dizer o movimento humano materializado e espiritualizado no TER corpo e com ele, o movimento da física, da química, da biologia. É o movimentar-se como ação pensada, planeada, como intenção racional. Mas também se refere ao SER corpo e com ele o se-movimentar enquanto manifestação fenomenológica. É o movimento como intencionalidade fenomenológica e hermenêutica, que não esquece os dizeres da cultura, da axiologia e do sentido da história.

A este propósito, relembramos, por exemplo, o movimento intencional em Merleau-Ponty; o movimento como um processo de autocriação radical – ou ainda, como autopoiese em Henrique Maturana; ou o movimento como construção de si, nos aproximando de Jean Paul Sartre (a ideia de *ser para si, para ser mais*); ou ainda, a ideia de caminhada para uma completude com o absoluto, tal como sinalizado por Manuel Sérgio. Por isso, a EF é Educação pelo corpo e pelo movimento, que dá luz, prepara o presente e acolhe o porvir - no sentido de fazer e ser mais.

Em meio a estas diferentes compreensões, surge uma pergunta: como se expressa e se manifesta o corpo e o movimento humano? O esporte, a dança, a ginástica, o jogo, o lúdico, a atividade física, saúde, lazer, etc. Cada um deles se apresenta com objetivos e fins particulares, mas também complementares, que vão ser a base material e espiritual da manifestação do corpo e do movimento humano. Ou seja, todos estes fenômenos são dimensões daquilo que se convencionou denominar de EF.

Na combinação de todas estas dimensões, vão emergir diferentes tendências da EF. No Brasil, encontramos pelo menos onze tendências, na Europa, sete, o que mostra a riqueza e a complexidade da EF enquanto possibilidade de conhecimento. No trabalho de Rezer (2014), são identificadas diferentes possibilidades interpretativas para o campo da EF no Brasil, condição que a coloca em uma condição simultânea de riqueza e pobreza, de potencialidade e fragilidade, de polissemia e de risco de fragmentação, sob a lógica de diferentes “Educações Físicas”, que pouco se olham e se compreendem. Esta condição é motivada pela edificação de diferentes comunidades que vão estabelecendo acordos internos e um grau de autonomia a ponto de caracterizar formas bem diferentes de pensar.

Por outro lado, é importante reconhecer que não surgiram ainda, sínteses “definitivas” para responder a questão deste tópico com um grau de legitimidade que “feche” a discussão, o

que é muito bom. Neste aspecto, nos agrada a noção proposta por Berticelli (2013), assumindo um referencial Habermasiano, quando se refere à ética em pesquisa. No caso desta Carta, para qualificar nossa compreensão de campo, nos sobriaria a ética como possibilidade de entendimento acerca de nossas pretensões de projeto (projetos) para o campo da EF, de acordo com o movimento do próprio campo e de seus protagonistas, o que certamente, não se trata de pouca coisa.

1.3 - A investigação. O que é a Investigação? Quando falamos em investigação, falamos da curiosidade, dos métodos, caminhos e instrumentos adotados, e no valor do conhecimento - que vão estruturar a ciência e seu sentido epistemológico.

As duas grandes questões epistemológicas: o que podemos conhecer e como podemos conhecer - vão encontrar na história da ciência e da epistemologia as várias respostas/ofertas. Por exemplo: O mundo Grego/Helénico ofertou-nos o idealismo Platônico e o empirismo Aristotélico; A idade média ofertou-nos o sentido do mundo fixo e imutável - um mundo ligado ao religioso e ao dogmático; A idade moderna ofertou-nos o modelo científico das ciências físicas, biológicas e químicas - pelo positivismo lógico; mas também ofereceu-nos as ciências humanas; A noção pós-moderna ofertou-nos a dimensão pluridisciplinar, complexa e dinâmica, e com ela a ideia de cientificidade, enquanto possibilidade de dar sentido ao ser humano, como refere Silvino Santin.

Mas a noção de pós-modernidade mostra também, a necessidade de comunicação dialética entre as ciências naturais e as ciências humanas. Eis um caminho profícuo para a promoção de uma grande discussão, tendo em vista que a descompartmentalização dos saberes, a complexificação das “coisas” do mundo, e as tentativas de superação de polarizações (tais como corpo-mente, pensamento-movimento, teoria-prática, entre outros), vem se constituindo um mote significativo em diferentes campos do conhecimento.

Prigogine, a partir da física, Maturana, a partir da Biologia, Boaventura de Souza Santos, a partir da Sociologia, entre outros, vem edificando referências que nos colocam na condição de corresponsáveis por este movimento. Nessa direção, fomentar aproximações entre o biológico e o cognitivo, bem como, com aspectos emocionais, amadurece na medida em que aprendemos a alçar a investigação a um patamar de qualificação ainda não alcançado.

Ao nos referirmos à investigação, estamos nos referindo a curiosidade, aos métodos, aos caminhos assumidos na feitura da pesquisa, bem como, reafirmando o valor do conhecimento da complexidade do mundo, como uma dimensão que ainda nos interessa, um bom vírus que pode nos acompanhar ao longo de nossa trajetória pessoal e profissional.

2) SEGUNDO MOMENTO: A palavra e o número - da construção à crise...

Quando nos situamos na análise à realidade presente e futura, deparamo-nos com uma palavra-chave: crise - o presente em crise, o futuro incerto. A crise do presente e a “ausência” de futuro: nestes dois aspectos parece resumir-se a crise da cultura e do humano. A promessa da modernidade (que muitos atribuem ao Iluminismo, outros preferem atribuí-la aos Gregos ou mesmo ao Cristianismo) tinha como fundamento a razão e a ideia de caminhada, de percurso para um presente melhor.

Caminhar para um fim - sentido teleológico expresso nos fins últimos; caminhar para um bom fim. Mesmo perante o destino bíblico (destino trágico) do gênesis ao apocalipse,

continua a existir, na alma humana, esperança e possibilidade de caminhar – na lógica teológica, de um genesis para a eternidade.

O encontro com a cidade de Ouro, a cidade perfeita de Platão (mundo das Ideias); a ilha perfeita de Tomas Moro, a cidade redimida, o fim perfectível ou o encontro com Deus como refere Chardin, na sua Antropologia dinâmica (ELIADE, 1991; DUROZOI, ROUSSEL, 2000) parecem constituir-se como caminhos de esperança, caminhos para um bom fim.

A modernidade (GIDDENS, 1994a; GIDDENS, 1994b; TOURAINE, 1994) constituiu-se assim, como um conjunto de figuras impregnadas na cultura, no ser, no saber e fazer humano e na ideia de um destino esperançoso. A esperança, a promessa, a possibilidade de ir “para frente”, de “ir adiante”, para o “futuro”, pode ser encontrado em expressões como: PROJETO – lançar um PROPÓSITO para diante; PROSPECTIVA – lançar um OLHAR para diante; PROGRESSO – lançar um MOVIMENTO para diante; PROGRAMÁTICO – lançar um CONHECIMENTO para diante; PROPÓSITO - lançar uma INTENÇÃO para diante; PROMESSA – lançar FUTURO para diante.

Esta ideia de ir para diante, para o futuro, traz o sentido da palavra na compreensão humana. A força da palavra! A palavra significa exortação, decisão final, perfeição máxima, promessa verbal e de ação (palavra dada deve ser cumprida). O Ocidente foi construído sob o alicerce da *palavra*. Os Gregos, o Judaísmo, o Cristianismo, entre outros, tinham a *palavra* em seu fundamento. Heródoto dizia que os Gregos encontraram o caminho para as coisas culturais – a palavra. Os tratados de argumentação política, do direito, eram sustentados na palavra. As coisas culturais são coisas da palavra. Os Egípcios encontraram o caminho para as coisas naturais – o número - inventaram a geometria e fizeram construções.

Hoje, ao que parece, não se espera muito da palavra – espera-se muito do número, mas um número perdido em si mesmo! O número é o caminho e o remédio para as coisas culturais e para as coisas do homem. Os homens sábios, figuras de identificação e de inspiração, deram lugar aos magos da economia, das finanças e da gestão. Os números deram origem a uma *outra civilização*: a civilização tecnológica, digital e global (SMART, 1994; WAUGH, 1994; GEHLEN, s/d).

A promessa do número tem mobilizado a humanidade para o presente, o que parece ruir com a noção moderna de um “futuro melhor”. Já não se espera mais do futuro a redenção de mundo. Se toda a época tem um pensamento à sua altura, esta época (nossa época) tem o seu pensamento e conseqüentemente uma ação: Que pensamento é esse? Pensamento do mercado global, pensamento da técnica, pensamento da informação, das tecnologias, do virtual – este virtual que parece fazer um mundo, mais admirável que a própria vida. Um pensamento que paulatinamente tem levado à crise da verdade, da memória, do simbólico, da mediação.

Podemos colocar a seguinte questão: O que tem feito a técnica e o número (finança, economia...) à cultura e ao homem? Tem conduzido o homem para um mundo que não é o dele, o mundo dos mobilizados, dos precários, dos empregáveis, dos descartáveis, dos mercados, da competição, da eficácia, da produção, do rendimento. Há um novo cérebro: o cérebro do mercado global (MARTINS, 2012).

As tecnologias dão-nos esse novo cérebro (e um novo corpo), que deixou de ter o sentido crítico, para ser um instrumento (controle e manipulação) de legitimação da técnica. É este cérebro - *esta nova ação* - que parece ter alterado as estruturas que sustentavam o homem

da *palavra*. Que estruturas são essas? Vamos destacar cinco grandes estruturas, conforme a seguir:

2.1. A Razão – a crise da Razão

- Pelo elogio às emoções e ao sensível (não as emoções do *homem todo*, cantado pelos Gregos; o *homem todo* que mostrou a arte, a estética e a ética, mas um elogio as emoções que foram colonizadas pela técnica).

- O espetáculo, a euforia, a excitação, a efervescência, são agora estimulados; havendo mesmo instrumentos (mídias) que se apresentam como produtores e administradores das *emoções*.

2.2. Crise da Verdade

- A ideia da verdade metafísica - *a verdade una e eterna*, dá lugar agora a jogos de linguagem, tomando como referencial o relativismo moral e ético, característico do pensamento e ação pós-moderno.

- A *verdade total, radical, universal* (verdades do saber humano) deixa de fazer sentido, aparecendo uma linguagem que funciona como simulacro de conhecimento, excelência e informação.

2.3. Crise da Razão histórica (memória)

- As *narrativas individuais e coletivas* deixam de fazer sentido. O sentido genuíno da razão histórica era: fundamentar, aconselhar, preparar o futuro. Mas, se o futuro parece que deixou de existir, tal perspectiva também deixa de fazer sentido.

2.4. Crise do Simbólico

- O simbólico funciona como conjunto de imagens que une em unidade e harmonia – unos, únicos. Hoje estamos perante a crise do simbólico, expressão da desarmonia e de uma *estética não!*

2.5. Crise da Mediação

- A ideia de passagem do instável para o estável/seguro. O conhecimento, a família, os pais, os professores... são (eram) figuras de mediação.

- A identidade (felicidade) do homem necessita de fundamentos seguros, território conhecido, identidade estável.

- Mas, *se estamos uns com os outros*, cabe a pergunta: *como estamos ligados uns com os outros?*

- As ligações são estranhas, enredadas, perigosas, *on/off*, livres (amorosas), feitas de tensão, de ambivalência profunda (muita escuridão ou muita luz), de equilíbrio provisório e precário.

- Estamos obrigados a viver uns com os outros, mas sem garantias (mínimas) sobre o caminho que nos leva aos outros e ao futuro. A ausência de palavra (cultura e humanidade) deixou-nos *sem rocha, sem cabo, sem cais!*

- Há um deslocamento do sentido da origem, do nome (a força e a importância do nome, no sentido da determinação do ser como presença a si mesmo), do fundamento, do território.

- Um deslocamento da ideia de projeto, plano de carreira, grandes objetivos, planificação da vida - com futuro; para um tempo do acelerado, do mercado, do desequilíbrio, do precário, da angústia, do desassossego – *o desassossego do nosso*, como se referiu Fernando Pessoa (2003).

Assim sendo, se o tempo e o espaço mudaram (e mudaram mesmo), o tempo do número, da técnica, do mercado global, parece que nos retirou a ideia de experiência que dá

futuro. Portanto, chegamos ao terceiro e último momento desta carta - para tratar do valor do cuidado. O cuidado (a consciência do cuidado), porventura um dos caminhos para que possamos ser melhores professores e investigadores.

III - TERCEIRO MOMENTO

Finalmente, abordaremos neste terceiro tópico, sobre Cuidado. O que é o cuidado ou ter cuidado? Numa rápida consulta ao dicionário, cuidado significa: “*atenção, cautela, precaução, diligência, solícitude, etc*”. Na tentativa de qualificar esta compreensão, entendemos o cuidado com nós mesmos, com o outro, com a natureza, com a vida, com o presente e com o futuro, inserido no campo de uma ética da responsabilidade. Como se refere Hans Jonas, em seu livro, *Ética, Medicina e Técnica* (JONAS, 2012), temos sacrificado o futuro pelo presente, e agora, se torna necessário começar a sacrificar o presente pelo futuro.

Primeiramente, a partir de Nóvoa (2014), abordaremos o cuidar de si - *Cuida de ti conhecendo-se a ti mesmo... no meio das dúvidas*. Esta máxima Socrática impele-nos para um trabalho sobre nós mesmos. Ninguém pode ajudar-te, volta-te para ti mesmo. “*Põe o quanto tu és no mínimo que fazes*” - como refere Fernando Pessoa no seu heterónimo - Ricardo Reis.

No processo do conhecimento de si, surgem muitas dúvidas. A dúvida é, por paradoxal que pareça, o que nos faz ir para frente, para diante, com (pretensões de) segurança – mesmo reconhecendo a incerteza do mundo. Assim, é preciso ter dúvidas, cultivar dúvidas - a certeza é a distância mais curta para a ignorância. Se não é possível saber tudo, ter dúvidas é ser inteligente! Deixa um espaço livre para ti e para as tuas dúvidas. Se tiveres de escolher um caminho, escolhe aquele que ainda não foi percorrido - pois encontrarás por certo novas coisas boas.

A seguir, sinalizamos alguns elementos que consideramos nevrálgico para o professor e o investigador, dignos de ser dito em uma carta.

Cuida de ti...

Cuida de ti mostrando o teu pensamento e a tua escrita...

- Conhece com o teu pensamento e com a tua escrita, pois é isso que te distingue como professor e investigador. Tu és uma expressão artística!
- O pensamento e a escrita académica são, sobretudo, formas de expressão pessoal e, em certo sentido, de criação artística.
- Se não gostas de pensar e escrever, então desiste. Procura outro afazer, porque não gostas de ser professor nem de investigar.
- O pensar e a escrita, mais do que uma forma de comunicar processos e resultados, é uma forma de expressar - *é uma linguagem*.
- O pensamento e a escrita constituem o fator principal de distinção dos melhores professores, cientistas e investigadores.
- Se conseguires usar uma palavra pequena, não uses uma grande, se conseguires escrever uma frase curta não escrevas frases grandes, se conseguires escrever menos - escreve com cuidado...
- O pensamento e a escrita ajudam-nos a conhecer os nossos limites. O dilema só se resolve no dia em que percebemos que não há texto perfeito nem definitivo.
- Pensar e escrever permite-nos um futuro esperançoso.

Cuida de ti, fazendo-te culto...

- A cultura é aquilo que o homem acrescenta à natureza (sua natureza – ontológica e biológica) em virtude da sua atividade criadora e transformadora.
- A cultura eleva-nos assim, acima da nossa condição animal.
- A cultura torna-nos mais completos e inovadores pela capacidade de dar significado.
- A cultura torna-nos mais largos, profundos, mais leves, ricos e desejavelmente melhores - não necessariamente melhores.
- Um homem culto tem apontado para si duas setas: uma para a razão, outra para o coração, movimento que fará dele um sábio. Sê um professor e um investigador com duas setas – “pensa com o coração” e procura a sabedoria.
- A cultura é um caminho de excelência para o sentido ético e estético; neste caso, a cultura representa o caminho mais próximo da liberdade.
- Valoriza todo o conhecimento que está na cultura como forma de teu próprio enriquecimento. Não há universidade nem ciência, sem cultura e sem partilha.

Cuida de ti, sendo ético...

- Um professor e um investigador tem que ter no seu pensamento e ação valores como a liberdade, a igualdade, a justiça, a honestidade, e ética.
- A EF tendo como distintivo máximo a ação/boa ação - ser é fazer pelo caminho ético.
- A ética que nos referimos é mais do que a noção tradicional de colocar a moral em prática, mas aquela que serve para fundamentar a tomada de decisões importantes da vida de cada um e exige reflexão profunda sobre nossas escolhas e atitudes.
- Assim, a ética se coloca como um exercício de liberdade (ética e liberdade andam juntas), de como viver, e relacionar-nos, tendo como referência o bem comum.

Cuida de algo...**Cuida da palavra e do número...**

- Cuidar da liberdade e do futuro é também cuidar da retaguarda que a sustenta - a palavra e o número (que a pouco nos referimos). Cuidar da palavra e do número é cuidar da nossa herança tangível e intangível que nos deu futuro.
- Alunos de graduação e de pós-graduação, bem como, professores e investigadores, não se deixem enfeitiçar pelo excesso e exclusividade dos números, não se deixem contaminar pela produção em massa (que é virtual) e pelos problemas de investigação já gastos. Sejam resistentes e inovadores na palavra - sejam criativos na inconformidade com a burocratização do conhecimento.

Cuida da tua formação e da tua investigação.

- Conhece bem as regras (caminhos) da tua formação e da tua ciência, mas não deixes de arriscar nem de transgredir.
- A formação e a investigação são criação, novidade, ou nada são. A corrida por números e pelas publicações é preocupante, pois torna o trabalho na graduação e pós-graduação um exercício quase que exclusivamente burocrático.

- A evidência tóxica que se respira hoje nas universidades - plágios, autoplágios, contagens de papers, nichos competitivos - é preocupante.
- O que importa na ciência é a capacidade de ver outros modos, de pensar de outros modos, em prol de um melhor viver no mundo, que tenha em vistas o bem comum.
- Faz muitas perguntas e ti e aos teus professores. Ou seja, sem transgressão (e a pergunta nos leva a isso), não há ciência.

Cuida e traz o novo para a tua formação, para a tua profissão e investigação...

- Conhece para além dos limites da própria formação e da tua ciência “específica”.
- O médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe. É preciso ler, ler muito, ler devagar, ler diversas coisas, coisas úteis, mas também coisas inúteis - para saber distinguir.
- Estudar é um exercício incrivelmente doloroso que pressupõe esforço, dedicação, no sentido estoico... mas depois terás a descoberta e a alegria do espanto!
- Grandes descobertas foram feitas de profunda reflexão, mas outras, ao acaso. Mas o acaso favorece aquele que está preparado para ver – aprender a ver é um exercício que exige ampla leitura de mundo e sensibilidade para “enxergar” o que não aparece por si.

Cuida conhecer para além das evidências...

- A EF começa a ser a coisa que se conhece pior, justamente porque ela é a coisa mais conhecida, a que se conhece melhor, a que todos conhecem (de forma hegemônica por um *olhar positivista*).
- Como instaurar novas formas de produzir conhecimentos científicos numa área tão saturada de ideias positivas? Edmund Husserl já nos tinha alertado para isso: em 1935, numa conferência sobre a *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (2010), referindo-se exatamente a esta questão, afirmando que a ciência moderna colocou a realidade em fórmulas, números, geometrias, esquecendo de dizer o outro lado do humano, o outro lado da realidade e do sentido - a vida vivida e experienciada.
- É nesta vida vivida que podemos colocar questões como a ética (bioética), a justiça, a complexidade, a diversidade, entre tantos outros grandes temas do mundo.
- A ciência, a inteligência e a complexidade necessitam do caminho dialético que não se esgota na “caixa” de um só caminho investigativo e numa só disciplina. As ideias novas estão sempre no cruzamento, nas fronteiras – algo que se percebe no diálogo autêntico.

Cuida da liberdade

- Este será um cuidado maior, pois é dele que tudo provem, é dele que tudo depende. Conhece com a liberdade e pela liberdade.
- O produtivismo está a destruir a liberdade. A produtividade pode alguma coisa, mas não pode, nem garante tudo. A liberdade, essa herança natural e humana é aquilo que nos possibilita ser mais... com responsabilidade e felicidade.
- Lembrando uma frase de Bernardino Machado, ex-presidente português, uma universidade deve ser escola de tudo, mas, sobretudo, de liberdade.

Cuida do futuro

- Conhece com a responsabilidade de ação virada para o futuro. Ninguém pode ser professor e investigador em EF fechado numa redoma.

- Nosso compromisso é também com a causa republicana. A recuperação da noção de República (coisa pública) trata-se de um bom caminho.
- Sê um mensageiro da *cultura, do ser, do saber e fazer humano e da ideia de um destino esperançoso*.
- A esperança, a promessa, a possibilidade de ir para frente... ir para diante... para o futuro. Sê tu, para diante!

Cuidar de alguém...

Cuida dos outros

- Elege o elogio. Os elogios são tão mais eficientes no sentimento de validação do Outro, quanto mais específicos e verdadeiros forem.
- Para elogiar, temos que estar atentos ao Outro - a escuta. Estar atento significa olhar para as suas vulnerabilidades, para as suas competências reais, para o caminho que vai sendo percorrido entre êxitos, fracassos e aprendizagens.
- Reforça e mostra à outra pessoa que aquilo que ela diz é importante, mesmo que ainda seja dito de forma incompleta. Há, portanto, um sentimento de valorização mútuo para quem dá e para quem recebe.
- Quem recebe o elogio, sente reforçado o seu esforço, a sua escolha o seu trabalho.
- Quem elogia, sente a satisfação profunda de ter uma participação ativa e construtiva no percurso do Outro.
- Conhece assim, em ligação com os outros. Perde tempo, conversa, partilha cada passo do teu trabalho, reclama tempo para pensar, para amadurecer, para nos desentendermos (também) uns com os outros.
- É na conversa com os outros, que se definem e se enriquecem nossos próprios caminhos.
- É na conversa e na relação com os outros que se funda a sociedade e a manifestação do humano no social - expressões como democracia, participação, cidadania, lembrando Hannah Arendt e Cícero, entre outros, ganham sentido no mundo comum, por meio do diálogo.
- Mas também não te esqueças de ser único e original. Até ao Sec. XIX, o que fazia com que um docente na Universidade (tomemos como exemplo a Universidade de Coimbra) ascendesse ao título de professor, era a sua capacidade individual de criação e de produção - produção criativa e fecunda.
- Era essa capacidade de reflexão que o fazia distintivo, único e original e por isso digno de reconhecimento e ascensão na carreira docente na Universidade.
- A formação, a profissão, a investigação faz-se com saltos e sobressaltos. Mas exige grupos. É o grupo que permite chegar aonde nunca chegaríamos sozinhos. O grupo é mais forte que a ideia de *trabalho de equipe*, que se tornou mais uma forma de trabalho escravo de muitos, para legitimar o poder e o proveito de poucos - não permitais isso!

Terminamos a nossa carta lembrando que, no princípio, era a Palavra (ou verbo). Com estas palavras, como refere Rui Garcia, São João inicia o seu Evangelho. Foi a palavra, a potência criadora, que dá ser ao que não existe, que ordena o caos, e o logos da humanidade. Na tradição cristã, na Palavra repousa a vida, a luz, o conhecimento. A Palavra é um

instrumento criador, a forma encontrada para colocar no universo aquilo que não existia. A Palavra, mais do que um nome abstrato ou fortuito, é força fecundante e fundadora. Fundou uma forma de mostrar o homem, mostrar modelos existenciais e maneiras de ser.

Mas também apareceu o número - Recuperando Heródoto - os Egípcios encontraram o caminho para as coisas naturais, o número. Inventaram a geometria... e fizeram construções... e isso também é necessário! Mas não esquece, procura o caminho do meio! A EF é palavra e número para acontecimentos inteligentes... é um patrimônio e uma oportunidade humana com o propósito de criação... é uma experiência na qual se permite projetar e ir à direção de um bom fim, sem fim...

Um abraço, com estima!

Antônio Camilo Cunha e Ricardo Rezer

EDUCATION PHYSICAL AND RESEARCH: THE PRAISE TO CARE - AN OPEN LETTER

Abstract

The theme of this reflection is about "Physical Education and research", to promote a compliment to care, in the form of a open letter to the Physical Education. We organize our letter in three stages. Initially, we will try to clarify our understanding of the terms: Education, Physical Education and Research. After, we will cover two dimensions that structure human life - the word and the number - and they seem to be in crisis. Finally, in the third time, we will talk about care. The care of yourself, the care of something, the care of someone. We understand that the crisis of the word and the number has implications for the understanding of Education, Physical Education, Research and Care.

Keywords: Physical Education, Research, Care, Letter.

EDUCACIÓN FÍSICA Y LA INVESTIGACIÓN: EL ELOGIO A LA ATENCIÓN - UNA CARTA ABIERTA

Resumen

El tema de esta reflexión es sobre "la Educación Física y la investigación", que busca promover un elogio a la atención en la forma de una carta abierta a la Educación Física. Organizamos nuestra Carta en tres etapas. Inicialmente, vamos a tratar de aclarar nuestra comprensión de los términos: Educación, Educación Física y de Investigación. Después, vamos a abordar dos dimensiones que estructuran la vida humana - la palabra y el número - y que parecen estar en crisis. Por último, nosotros hablaremos acerca del cuidado. El cuidar de sí mismo, el cuidar de algo, el cuidar de alguien. Entendemos que la crisis de la palabra y el número tiene implicaciones para la comprensión de la Educación, Educación Física, Investigación y Cuidado.

Palabras clave: Educación Física, investigación, atención, Carta.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **Confissões**: Livros VII, X e XI. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2001.

BERTICELLI, I. A. Ética do discurso: uma possibilidade em pesquisa. *In*: REZER, R. **Ética e ciência na educação superior**. Chapecó: ARGOS, 2013. P. 67-86.

CAMILO CUNHA, A. **Ser professor - bases de uma sistematização teórica**. Braga: Edições Casa do Professor, 2008.

CAMILO CUNHA, A.; PETRICA, J. **O pensamento do professor - conhecimento, cultura, existência**. Braga: Edições Casa do Professor, 2009.

DUROZOI, D.; ROUSSEL A. **Dicionário de Filosofia**. Dicionários Temáticos. Porto: Porto Editora, 2000.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GEHLEN, F. **A alma na era da técnica**. Lisboa: Livros Brasil, (s/d).

GIDDENS, A. **Les conséquences de la modernité**. Paris: L'Harmattan, 1994a.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta Editora, 1994b.

HEIDEGGER, M. **Caminhos del bosque**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

HUME, D. **Investigação acerca do entendimento humano**. Rio de Janeiro: Edições Acrópolis, 2006.

HUSSERL, E. **Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 2010.

JONAS, H. **Ética, medicina e técnica**. Rio de Janeiro: Editora Paulus, 2012.

MARTINS, M. **Crise da cultura e do homem**. Palestra de Encerramento – Congresso de Sociologia. Braga: Universidade do Minho, 2012.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2010.

NÓVOA, A. **Carta a um jovem investigador em educação**. Conferência inaugural do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Vila Real: 2014.

PESSOA, F. **Livro do desassossego**. Lisboa: Edições Richard Zenith, Assírio & Alvim, 2003.

REZER, R. **Educação Física na educação superior: trabalho docente, epistemologia e hermenêutica**. Coleção ABEU Sul. Chapecó: Argos, 2014.

SMART, B. **A pós-modernidade**. Lisboa: Edições Europa - América, 1994.

TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

WAUGH, P. **Posmodernism**. A Reader. Landon: Edward Arnold, 1994.

Recebido em: 28/04/2015

Revisado em: 12/06/2015

Aprovado em: 26/07/2015

Endereço para correspondência:

Ricardo Rezer

rrezer@unochapeco.edu.br

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Centro de Ciências da Saúde.

Rua Senador Atilio Fontana, 591-E

EFAPI

89809-000 - Chapeco, SC – Brasil